



Leandro Mendonça Barbosa & Dolores Puga (orgs) (2021)
Antiguidade e usos do passado. Políticas e práticas sociais. São João
de Meriti: Desalinho, 238p. ISBN: 97-8658-854-4150

Pedro Paulo A. Funari (Universidade de Campinas)

ppfunari@uol.com.br

O termo “usos do passado” tem sido usado com crescente frequência, com diversas acepções. Em termos mais gerais, pode considerar-se as maneiras como diferentes momentos da história revisitaram o passado, de modo a inventar narrativas significativas em momentos específicos e de acordo com interesses também determinados e mesmo contrastantes por clivagens de classe, gênero, perspectiva ou quaisquer outros. O termo invenção, aqui, é tomado no seu sentido etimológico, ao significar, ao mesmo tempo, invenção e descoberta (*in-uenio*, “venho em”, “topo com algo”). Esta definição mais ampla permite abranger um grande espectro de situações e abordagens. Há delimitações mais específicas, em particular os usos políticos do passado, em geral em relação a estados e regimes contemporâneos ou recentes que manipulam narrativas para justificar relações de poder. Um caso paradigmático por sua clareza é o fascismo italiano e sua invenção de um mundo romano a serviço de um regime repressivo. Usos do passado podem, ainda, englobar estudos de recepção, de viés mais cultural e que pode enfatizar o recebimento de algo. Esse é o caso da recepção de Ovídio no Renascimento. O volume organizado por Leandro Mendonça Barbosa e Dolores Puga aplica o sentido mais amplo do termo.

O subtítulo também merece comentário. “Políticas” pode ser entendido como relações de poder, em qualquer nível ou circunstância, macro ou micro. Pode englobar a política, “a vida na cidade”, esse o sentido original da palavra,

que deriva de pólis. Inclui também a economia ou as artes, assim como a literatura e as classes sociais em conflito. Não há relações de poder sem práticas sociais. Prática significa ação no mundo, tanto no sentido concreto, como abstrato. Um sacrifício animal é tanto um ato concreto e específico, com seus gestos técnicos, para usar uma expressão do antropólogo francês André Leroi-Gourhan (1911-1986),¹ como algo carregado de subjetividade, intangível e mesmo expresso em conceitos únicos e inassimiláveis a outros tempos, circunstâncias e idiomas. Neste volume, Nathália Monseff Junqueira trata um caso exemplar: *tháuma* (maravilha), sentimento ligado a uma visão (no sentido literal ou figurado, uma imagem mental, uma ideia, palavra com a mesma raiz de “ver”). O volume procura abranger, assim, diversos desses aspectos aqui suscitados.

O livro resulta de estudos de pesquisadores atuantes no estado de Mato Grosso do Sul, a partir de um simpósio da ANPUH-MS, em Dourados - MS e conta, ainda, com a contribuição de estudiosos de fora do MS, de outras partes do Brasil ou de Portugal. Na apresentação (p. 7-12), os organizadores indicam os caminhos de cada um dos nove capítulos, de modo a enfatizar sua indução a novas reflexões a estudiosos, mas também a professores, alunos e público em geral. Os temas específicos abordados são variados e incluem o Egito, Grécia, Roma e o cristianismo, bem como os autores têm formação variada em letras, história, filosofia e arqueologia, com destaque para sua intersecção. Essa transdisciplinaridade transparece nos diversos capítulos, cada um a seu modo. Isso não deixa de causar, no leitor, sensação de salutar abertura para além dos limites mais estreitos de cada disciplina, em direção aos múltiplos meios de acesso à sociedade e cultura antigas e seus usos posteriores. Os temas tratados são variados, sempre específicos e bem documentados.

Há várias questões epistemológicas e temáticas repartidas pelos diversos capítulos. Os argumentos de destaque podem ser reunidos em torno de algumas questões: a teoria social para o estudo da Antiguidade; as relações de gênero; e tradição textual, historiografia e arqueologia. Teoria social é um termo amplo a englobar modelos interpretativos sobre como funcionam e mudam as sociedades. Este é o grande desafio para procurar explicar permanências e rupturas, no presente e no passado. Os dois aspectos, reprodução social e conflitos e rupturas,

¹ A. Leroi-Gourhan (1964/1965) *Le geste et la parole*. T. I: Technique et langage; T. II: La mémoire et les rythmes. Paris: Albin Michel.

sempre precisam ser levados em conta, com ênfase maior ou menor em cada um dos polos. Na teoria social, está também uma contraposição entre modelos normativos e conflitivos. Por um lado, pode haver o destaque das normas sociais compartilhadas e aceitas, por outro, normas são sempre desejos que demonstram, ao mesmo tempo, a burla dessas mesmas normas. Quando se proíbe algo, é porque isso ocorre. A questão sempre é avaliar a dimensão do respeito ou da burla. Isso está já presente desde o primeiro capítulo sobre a inscrição conhecida como *Laudatio uxoris* (ILS 8393) com seus ideais (p. 24) de *pietas* (p. 21) e *pudicitia* (p. 22). Está, também, na *concordia* como voto ou desejo dos septímios (p. 53-87), na cooptação sacerdotal romana (p. 157). Aspectos conflitivos aparecem como contestação (p. 105), superação de modelos binários (p. 208) ou a recusa de considerar a cidade antiga (pólis) como uma empresa capitalista (p. 223).

As relações de gênero têm sido cada vez mais debatidas no estudo da história e da Antiguidade, em particular. Isso relaciona-se às transformações, mundo afora, com a cada vez mais numerosa participação feminina na sociedade. A participação feminina no estudo da Antiguidade tem crescido e hoje as mulheres são predominantes entre as pessoas estudiosas do tema. Isso afetou mesmo a produção masculina, de múltiplas maneiras, como a autoria partilhada de mulheres e homens (neste volume, Dolores Puga e Leandro Mendonça Barbosa, p. 7-12; e Tayná Louise de Maria e André Leonardo Chevitarese, p. 31-52), a presença balanceada de autoras e autores (neste volume, seis homens e seis mulheres), a presença do tema em pesquisadores homens (como Nuno Simões Rodrigues, p. 13-30, Leandro Mendonça Barbosa, p. 89-108). A apresentação do feminino como contestação (p. 105) contribui para uma mais profunda e nuançada consideração das relações entre os gêneros. A proposta, tão característica dos estudos de gênero, de criticar modelos binários, está presente em temas como a alimentação (p. 208). Se o passado antigo foi usado para inventar um caráter doméstico e domesticado das mulheres, desde sempre naturalizado como destino, hoje os usos do passado podem servir para mostrar o protagonismo feminino também na Antiguidade.

Outro crescente aspecto no estudo da Antiguidade está bem representado no volume: o estudo da historiografia e da produção arqueológica. A cada dia fica mais evidente a importância da historiografia acadêmica, colocada em seu

contexto histórico e cultural e a reflexão sobre a desconstrução de ilusórios consensos interpretativos. Às explicações que inventavam permanências e continuidades essencialistas, como a suposta superioridade ocidental ou a missão civilizadora do imperialismo, substituiu-se um estudo historiográfico e contextual. Em seguida, a produção acadêmica arqueológica, sempre crescente, tem impactado de maneira decisiva todo tipo de estudo sobre a Antiguidade. Neste volume, o capítulo de Ana Teresa Marques Gonçalves (p. 53-88) mostra bem como ambas questões podem ser bem exploradas, tendo as moedas como mote da análise historiográfica e arqueológica. A Arqueologia ganha destaque em temas como os colégios sacerdotais em Sagunto (p. 139-176), nos relatos antigos sobre o Egito (p. 177-199) ou sobre a cultura alimentar na Sicília grega antiga (p. 201-220).

Ao final da leitura do livro, sai-se com a sensação de querer mais, tão instigantes e variados são os capítulos. Difícil imaginar algo melhor para uma coletânea.

Data de publicação: 03/11/2023